

Para Moreira, Sarney deve cuidar do governo e não interferir no PMDB

MARCELO BERABA

Diretor da Sucursal do Rio

Para um grupo de governadores, a reunião da última segunda-feira no Palácio do Planalto não teve apenas o objetivo de dar novo apoio político ao presidente José Sarney, mas também o de inibir a participação do presidente nos problemas internos do PMDB e nas negociações do Congresso constituinte. Há a preocupação de que, a partir de agora, o presidente governe, os peemedebistas resolvam internamente a crise do partido e os constituintes terminem a nova Constituição sem interferências externas. Nas conversas que antecederam o encontro com Sarney, os governadores de maior peso dentro do PMDB firmaram a convicção de que devem, a partir de agora, criar fronteiras bem nítidas e distintas entre as três crises em que se debatem e são atores: a do governo, a do PMDB e a do Congresso constituinte.

Para o governador do Rio, Wellington Moreira Franco, três fatores influenciaram a decisão de mais uma vez apoiarem Sarney: primeiro, sua vitória no Congresso constituinte, quando conseguiu fazer aprovar, com folga, o mandato de quatro anos para o presidente da República; segundo, a conjuntura da crise econômica crescente; e, em terceiro, as próprias propostas apresentadas por Sarney para superar a crise econômica e que, na opinião de Moreira, se forem implementadas "darão certo". Na opinião de Moreira, o entendimento prévio de que é



O governador do Rio, Wellington Moreira Franco (na foto, em março)

importante uma separação nítida entre o governo, o PMDB e o Congresso constituinte faz parte de um esforço operacional para desanuviar o ambiente político. "Há um sentimento generalizado de que o problema do mandato está resolvido. Agora, é olhar para a frente. A preliminar é esta: Sarney cuida do governo, deixa o PMDB resolver seus problemas e a Constituinte os dela."

Foi esta premissa, na opinião de

Moreira, que garantiu que, pela primeira vez, ocorresse uma reunião entre o presidente e os governadores em que não se falou de PMDB, de Congresso constituinte ou de pedidos de verbas, mas apenas de economia. "E pela primeira vez, também, o governo apresentou uma proposta redonda, com começo, meio e fim", disse Moreira. Ele acha que o governo assumiu compromissos com o combate à recessão, com a recuperação dos salários reais dos

trabalhadores, a retomada do crescimento e a conseqüente retomada dos investimentos privados e públicos.

Moreira destaca ainda outros pontos que considera importantes na nova postura que identifica no governo Sarney: foi condenado o modelo exportador recessivo, foi condenado o fato de o país ter se transformado em grande exportador de capital, e foi reconhecido que a União tem que tomar medidas para diminuir seu tamanho, descentralizando-se. "O governo reconheceu que encerrou-se um ciclo econômico que se desenvolveu às custas de subsídios, incentivos e privilégios que hoje são altamente prejudiciais para o povo brasileiro."

Segundo Moreira, o apoio dos governadores —que ele chama de "colaboração"— se justifica na medida em que existe novamente a expectativa de mudanças. Sarney, mais uma vez, conseguiu refazer uma base de sustentação para governar. Em duas outras ocasiões os governadores emprestaram seu apoio e as mudanças não ocorreram: logo na posse, em março do ano passado, e foi quase como uma retribuição ao apoio que haviam recebido do governo federal nas eleições de novembro de 86; e em outubro, quando assinaram a Carta do Rio de Janeiro, em que apoiavam um mandato de cinco anos para Sarney e o presidencialismo. Moreira não descarta nova frustração, mas acha que "se houver determinação, desta vez dará certo".

Waldir pede mudança na cúpula do PMDB

CLÓVIS ROSSI

Da Reportagem Local

O governador da Bahia, Waldir Pires, defendeu ontem a necessidade de uma "mudança muito profunda" na direção do PMDB, partido ao qual pertence, porque, em sua opinião, "a cara do partido não está expressa na atual direção".

Waldir Pires falou à Folha pelo telefone, desde Itamaraju (extremo sul da Bahia), para dar mais detalhes a respeito da articulação de um grupo de governadores peemedebistas, com vistas à redefinição programática do partido, que deve se dar na Convenção Nacional marcada para 21 de agosto.

O governador baiano defende a manutenção de Ulysses Guimarães, atual presidente do PMDB, como "figura permanente" do partido, mas acha que Ulysses deve ter a

acompanhá-lo na Executiva nomes que "traduzam um corpo doutrinário que é o que o PMDB defendeu nas praças públicas".

Da articulação participam, por enquanto, seis governadores do PMDB: Wellington Moreira Franco (RJ), Miguel Arraes (PE), Carlos Bezerra (MT), Pedro Simon (RS) e Max Mauro (ES), além do próprio Waldir. É esse grupo que, como a Folha antecipou na edição de quinta-feira, trabalha em um documento destinado a definir uma feição centro-esquerdista ou social-democrata para o PMDB.

A sugestão de Waldir para o que chama de "corpo de doutrina" para o PMDB põe ênfase na democratização da sociedade, "não só no aspecto político-institucional, mas também no econômico e no social".

A idéia do governador baiano —que ele garante ser consensual

entre os seis governadores citados— é a de que "é preciso criar no Brasil as condições de respeitabilidade dos partidos políticos, o que passa por uma definição de compromissos".

E, entre os compromissos que Waldir Pires acha que o partido deve defender intransigentemente, está a questão da dívida externa. "Se não estancarmos essa sangria de divisas, por meio de uma posição que aglutine a sociedade, não se resolverão os problemas do país."

É exatamente na questão externa que o governador baiano centra as suas críticas ao documento emitido pelo governo federal, na segunda-feira, durante a reunião com todos os governadores estaduais, exceto o próprio Waldir (que não aceitou o convite) e o alagoano Fernando Collor de Melo (que não foi convidado). "Não se pode retornar às concessões feitas aos credores pelo

regime autoritário", diz Waldir Pires, ao condenar a negociação externa conduzida pelo ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega.

Também por isso, Waldir é o mais enfático, entre os governadores peemedebistas, em defender um rompimento do partido com o governo federal, na Convenção marcada para agosto. Na prática, Waldir acha que o governo é que rompeu com o PMDB: "As linhas políticas do governo se afastaram enormemente dos compromissos que o partido contraiu nas praças públicas."

Para que a articulação centro-esquerdista seja vitoriosa na Convenção, Waldir Pires acha fundamental evitar a saída dos peemedebistas ditos "históricos", mas não esconde, entretanto, que os sinais são no sentido de que os "históricos" de fato deixarão o PMDB.